
A EXPANSÃO NEOPENTECOSTAL EM CONTEXTO DE PLURALIDADE RELIGIOSA E DE CRISE CONJUNTURAL E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD) NO HORIZONTE DO FENÔMENO RELIGIOSO BRASILEIRO

Maria Elisabeth Moura Gonçalves¹

Resumo: Este texto baseia-se no segundo capítulo da dissertação de mestrado intitulada “A fisionomia da Teologia da Prosperidade configurada na IURD a partir de elementos da cultura brasileira e seu influxo sobre o indivíduo” e objetiva chamar a atenção para as mudanças provocadas pela expansão neopentecostal, cujo expoente máximo é a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, no cenário religioso brasileiro, bem como suas possíveis conseqüências. Nos apontamentos introdutórios o texto aborda o fenômeno religioso. Em seguida, oferece um breve panorama religioso do Brasil, enfatizando o avanço neopentecostal. Por fim, junto às notas conclusivas, destaca a posição da IURD e lança alguns questionamentos que interessam à universidade enquanto lugar de formação.

Palavras-chave: fenômeno religioso; neopentecostal; IURD; universidade.

1. Apontamentos Introdutórios

De um modo geral, compreende-se fenômeno como tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos ou pela consciência, e o fenômeno religioso inscreve-se na linha do que a inteligência humana não consegue explicar, a não ser por meio do sagrado. Em virtude disso, ele é universal e figura como aspecto básico na

¹ Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Católica de Pelotas, Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas. Mestre em Ciências da Cultura e da Religião pela Università degli Studi Roma Tre. Professora no Instituto de Cultura Religiosa da Universidade Católica de Pelotas (beth@ucpel.tche.br).

composição de toda e qualquer sociedade, desde as remotas até as atuais.

É sabido que a doença, a dor, o sofrimento e a morte acompanham a história da humanidade desde seus primórdios, obscurecendo qualquer eventual anseio de imortalidade. A despeito de sua inteligência, a capacidade de prevenção que o ser humano possui para enfrentar tais acontecimentos é limitada e sujeita às contingências. Esta inevitabilidade o leva a indagar-se sobre sua gênese, compele-o a buscar respostas além de si mesmo, constringe-o a admitir a existência de um poder que transcenda a si próprio e, normalmente, desemboca no culto a uma ou mais divindades. No passado, tais cultos, uma vez organizados, constituíram as diferentes religiões, e foi sobre estas que acabou recaindo a tarefa de lidar com os problemas para os quais o uso da razão ainda não tinha oferecido resposta satisfatória. A constatação de Weber (1991: 293)² de que o pedido de “afastamento do mal externo” está presente nas orações das mais diversas religiões e a afirmação de Durkheim (1989: 240)³ assegurando que a função verdadeira da religião é ajudar seus adeptos a viver, já que os leva a acreditar que uma força superior os protege, reforçam esta idéia.

Foi sempre, portanto, no contexto religioso que se descortinaram para os indivíduos e sociedades as perspectivas de superação de males inexplicáveis. Vale notar ainda que, sendo as sociedades organizadas em classes, são sempre aquelas menos favorecidas as mais atingidas por toda a sorte de dificuldades (certas doenças, por exemplo) e, conseqüentemente, as mais propensas a abraçarem as mensagens religiosas de esperança e salvação.

Contudo, o que se observa na atualidade é a emergência de outro tipo de religiosidade, diferente daquela praticada até épocas recentes. Embora carregue a marca do que se convencionou chamar entre os estudiosos do assunto de “retorno ao sagrado”, ela aproxima-se bem mais de um sentimento religioso, não poucas vezes vivido sem qualquer vínculo institucional, que alcança o ser humano independentemente de idade, gênero, profissão, situação econômica ou outra distinção qualquer. É fortemente marcada pela emotividade e pelo individualismo, voltada à busca de satisfação e bem-estar interior, o que talvez explique a facilidade com que se direciona a práticas orientalistas como a meditação e a yoga.

² Weber, em “Economia e Sociedade”, apud Mariano (1999: 150).

³ Durkheim, em “As formas elementares da vida religiosa”, apud Patrícia F.M.Alves (2000: 201).

As evidências da força que o sentimento religioso continua exercendo sobre os indivíduos se fazem visíveis no cotidiano, pois permeiam os noticiários do mundo inteiro, a despeito de previsões lançadas no Ocidente, particularmente no final do século XVIII, de que a religião estaria chegando ao seu ocaso. Basta pensar-se nas polêmicas vinculadas, de forma especulativa ou não, a praticantes do islamismo ou, em termos de território nacional, à presença evangélica nos estádios de futebol e no meio musical.

Muito se poderia ainda acrescentar ao que foi exposto para bem compreender-se o porquê de a discussão sobre o fenômeno religioso ter ganhado os espaços acadêmicos e se firme cada vez mais como um tema de interesse para a investigação científica. No entanto, mantendo o texto dentro dos limites impostos por seu objetivo, buscar-se-á apenas chamar a atenção para as mudanças que a expansão neopentecostal vem provocando no cenário religioso brasileiro e suas possíveis conseqüências, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus – IURD.

2. O Cenário Religioso Brasileiro e a Expansão Neopentecostal

2.1 A religiosidade brasileira

No Brasil, o panorama religioso traz a marca do sincretismo resultante do amálgama de variadas tradições culturais e religiosas, característica que se por um lado o enriquece, por outro, empresta-lhe complexidade. Dados empíricos fornecidos pelo último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) revelam um país de acentuada religiosidade⁴, embora tenham apontado que o número de pessoas sem religião venha aumentando de forma progressiva ano a ano⁵. Longe de significar objetivamente

⁴ Conforme pesquisa do Instituto Vox Populi feita no Brasil e encomendada pela revista *Veja*, 99% dos entrevistados declarou acreditar em Deus (Cf. KLINTOWITZ, Jaime. Um povo que acredita. *Revista Veja*, 19 de dezembro, 2001. pp. 124-129). Aqui considera-se o conceito fenomenológico de religiosidade que a vê como o pendor que impulsiona o ser humano para a transcendência, o sagrado (Cfr. OLIVEIRA, P.A.R. *Religiosidade: conceito para as Ciências do Social*. CEPRELC. Universidade Católica de Brasília. Brasília. 1999).

⁵ O índice percentual daqueles que se declararam sem religião, segundo o IBGE, subiu cerca de 925% entre 1970 e 2000 (1970=0,8%, 1980=1,6%, 1991=4,7% e 2000=7,4%), passando de 704.924 para 12.492.189 pessoas (ANTONIAZZI, 2004: 12).

perda da dimensão da fé dentro deste grupo⁶, a informação sugere a existência de uma espécie de rejeição às religiões instituídas, em especial, as mais tradicionais. Tal rejeição, pelo que se observa, tende ainda a gerar um sentimento de insatisfação e de busca pessoal que se visibiliza no acentuado trânsito religioso⁷ verificado no interior de uma parcela da população brasileira, particularmente aquela pentecostal, aflorando também em crenças intimistas e esotéricas. Apesar desse destaque, os sem religião representam um percentual pequeno (7,4%) se comparado com o daqueles que se assumem cristãos (perto de 90% da população). Já com relação a estes últimos, o Censo do IBGE aponta significativas mudanças: embora o catolicismo ainda seja a religião mais assumida pela maioria, a população evangélica⁸, em especial, a vertente neopentecostal, é a que mais tem aumentado⁹. Levando-se em consideração que o pentecostalismo tradicional já marca presença em território brasileiro há quase um século¹⁰, a recente expansão suscita certa curiosidade e instiga a um aprofundamento do tema na tentativa de identificar seus principais elementos e dinâmica de atuação.

Embora o Censo esteja distante já há quase uma década (o próximo deve acontecer em 2010), a realidade indicada pelos dados fornecidos não apresentou significativa alteração em termos da participação das chamadas igrejas evangélicas. O pentecostalismo, vertente evangélica surgida nos Estados Unidos da América do Norte, encontrou grande aceitação no Brasil, atraindo especialmente as classes menos favorecidas. Já o termo

⁶ Note-se, ainda que a título de curiosidade, que o grupo dos “sem religião”, o terceiro mais numeroso no país, não se concentra nas classes mais altas e instruídas, como se poderia pressupor. Ao contrário, nele predominam indivíduos das classes pobres, com baixo nível de instrução, empregos simples e renda modesta, sugerindo até mesmo uma possível escassez de tempo livre para a manutenção de vínculos comunitários, de acordo com Antoniazzi (Ibidem: 46-48).

⁷ O fenômeno que os sociólogos definem como “trânsito religioso” refere-se à constantes mudanças de pertença religiosa, bastante comum no meio pentecostal, onde certas pessoas circulam de igreja em igreja, caracterizando o que Paulo Romeiro chama de “nômades na fé” (cf. http://www.mundocristao.com.br/noticiasdet.asp?cod_not=4).

⁸ O IBGE engloba, no termo “evangélico”, toda a imensa gama de igrejas e congregações protestantes.

⁹ Este crescimento a olhos vistos parece ter estimulado os evangélicos a assumirem sua identidade religiosa: o que antes era quase escondido (a identidade evangélica), passou a ser ostentado com orgulho.

¹⁰ O pentecostalismo brasileiro teve início em 1910, com a Congregação Cristã do Brasil.

neopentecostalismo, de uso já consagrado entre os pesquisadores¹¹, refere-se a uma vertente derivada do pentecostalismo tradicional ou clássico, com o qual mantém certas continuidades doutrinárias e também diferenças importantes. Uma das diferenças é que o neopentecostalismo caracteriza-se por ser bem mais adaptado à modernidade. O prefixo *neo* pretende remeter tanto à sua formação recente quanto ao seu caráter inovador. Nos Estados Unidos, este termo foi utilizado para identificar “as dissidências pentecostais das igrejas protestantes”, sendo posteriormente substituído pelo emprego da palavra “carismático” (MARIANO: 1999:32-33).

2.2 Identidade religiosa em mudança

Até os anos 70 a identidade católica do Brasil parecia inquestionável. Além de ser a religião declarada pela maioria, ela exercia um certo monopólio sobre crenças e atitudes dos brasileiros no campo religioso. A mudança começou a se fazer notar a partir do momento em que o Censo de 1980 constatou um decréscimo no número de católicos e um aumento numérico dos sem religião e dos evangélicos, tendências confirmadas nas investigações feitas pelo IBGE em 1991 e 2000, embora isso não tenha ocorrido de forma homogênea em todo o país. É importante destacar que algumas áreas mantiveram-se fortemente catolicizadas, como é o caso do sertão nordestino, do interior de Minas Gerais e do interior de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entretanto, apesar da extensão territorial do Brasil, tudo indica que, com o passar dos anos o processo alcance o restante do país (ANTONIAZZI, 2004: 10-11).

Apesar de não ser possível afirmar-se que o contingente que migrou para o pentecostalismo tenha sido exclusivamente o mesmo que deixou o catolicismo, uma minuciosa análise do cenário religioso do país permitiu a Antoniazzi¹² levantar a hipótese de que um número significativo de fiéis tenha se sentido abandonado¹³

¹¹ Ari Pedro Oro, entre outros, usa também a expressão “Pentecostalismo autônomo”.

¹² Alberto Antoniazzi, sacerdote católico, estudioso da realidade brasileira e assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil por um longo período, autor de “Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?”, utilizado no presente trabalho (estudo baseado particularmente no “Atlas da filiação religiosa e marcadores sociais do Brasil, de JACOB, C.R. et.al. Editoras PUC-Rio e Loyola: São Paulo, 2003).

¹³ Na Igreja Católica a dimensão da acolhida, aspecto deveras significativo num grupo religioso, pode ser prejudicada pela escassez do clero, o que já não

pela Igreja Católica, passando a optar por religiões aparentemente mais eficazes em matéria de dinamismo, capacidade de mobilização e estratégias de evangelização (2004: 29). Naturalmente, junto destas motivações de ordem pastoral coexistiram aquelas de fundo sociológico, psicológico, cultural ou mesmo outras, cuja intercombinação provocou tais mudanças. De qualquer forma, o crescimento numérico demonstrado pelas estatísticas sugere que as denominações evangélicas tenham respondido com maior presteza aos anseios de certos grupos populacionais, quaisquer que tenham sido seus motivos isolados ou em conjunto.

Vale destacar que, embora tanto grupos tradicionais quanto pentecostais tenham crescido, coube aos pentecostais a responsabilidade pela expansão apontada pelo Censo do IBGE. É interessante notar ainda que as pesquisas revelaram a adoção, entre tradicionais, de algumas práticas similares às pentecostais, sugerindo possíveis modificações internas que remetem a uma pseudo-pentecostalização¹⁴ do próprio ramo tradicional.

Em termos de dados concretos, dos quase 18 milhões de pentecostais que o Censo apontou em 2000¹⁵ no Brasil, mais ou menos 85% estão concentrados em cinco grandes igrejas, enquanto cerca de 15% estão distribuídos dentro de centenas de igrejas menores, algumas minúsculas, que se multiplicam diariamente¹⁶. Disso decorre que o universo pentecostal, assim como o evangélico em geral, seja muito heterogêneo no que se refere a doutrinas, a formas de organização e a estratégias de evangelização. Tal característica, aliada ao contínuo processo de fragmentação que age no interior do pentecostalismo¹⁷, dificulta qualquer pretensão de análise exaustiva desse segmento. Apesar disso, na busca de

acontece no pentecostalismo devido à presença de um número bem mais expressivo de agentes com autonomia para o exercício da evangelização.

¹⁴Introdução de práticas pentecostais dentro de igrejas históricas produzindo uma aparência irreal de semelhança com o pentecostalismo.

¹⁵ Conforme o Censo existem 17.617.307 pentecostais no país (Censo do IBGE, 2000)..

¹⁶ Conforme o último Censo do IBGE (2000), o percentual de fiéis, em relação ao número total de pentecostais, é o seguinte: Igreja Assembléia de Deus: 47,47%, Congregação Cristã do Brasil: 14,04%, Igreja Universal do Reino de Deus: 11,85%, Igreja do Evangelho Quadrangular: 7,44%, Igreja Deus é Amor: 4,37%, outras igrejas: 14,83% (ANTONIAZZI, 2004: 37).

¹⁷ Normalmente, qualquer tipo de discordância de posicionamento – teológico ou administrativo – entre lideranças de uma igreja pentecostal é motivo suficiente para a formação de outra, ocasionando o fenômeno de fragmentação e expansão do pentecostalismo (do qual fala Ari Pedro Oro “O Brasil e as ‘três ondas’ pentecostais”), revelando sua fragilidade institucional.

compreender-se as mudanças, é possível e útil traçarem-se linhas gerais que identifiquem alguns elementos em comum, constituindo o que Antoniazzi chamou de “perfil geral dos pentecostais brasileiros”¹⁸:

As igrejas pentecostais, no seu conjunto, são mais urbanas que rurais, mais femininas que masculinas (têm cerca de 10% de mulheres a mais que a média), têm muitas crianças (até os 15 anos), mas poucos adolescentes de 15-20 anos e, em geral, em todas as idades, estão um pouco abaixo da média. Quanto à raça ou cor, têm mais negros, pardos e indígenas que a média; têm pouquíssimos amarelos. O nível de instrução é baixo. Quase não há fiéis com formação superior ou pós graduação. Quanto às atividades, têm poucos agricultores e funcionários públicos, mas têm 50% a mais que a média de empregados em serviços pessoais (domésticos). (...). Baixa a porcentagem de empregadores. A renda também é geralmente muito baixa, com poucas exceções.” (ANTONIAZZI, 2004: 40)

2.3 Tentativas de interpretação do perfil pentecostal

A síntese de Antoniazzi dá margem a algumas interpretações elementares que podem lançar luzes sobre o fenômeno: o fato de as igrejas pentecostais serem mais urbanas do que rurais sugere que seu crescimento esteja, de alguma forma, ligada à urbanização¹⁹ conforme acena Corten (1996: 139); já a constatação de serem mais femininas do que masculinas não chega a surpreender, visto que algo semelhante tem ocorrido regularmente em outras religiões; o número baixo de crianças e adolescentes pode remeter ao tipo de filiação, mais ligado ao proselitismo²⁰ e a conversão de adultos do que a um modelo de catequese sistemática desenvolvida na igreja ou mesmo no lar; a indicação de maior pertença de negros, pardos e indígenas, cujo acesso à instrução foi historicamente prejudicado no Brasil, pode apontar para peculiaridades como a oralidade, o simbolismo, a música e a conseqüente valorização da emoção mais do que do aspecto intelectual, enfim, ao uso eficaz da máquina narrativa que se observa no pentecostalismo.

No perfil traçado por Antoniazzi ainda chama a atenção a presença maciça (50% a mais do que a média) de empregados em

¹⁸ Grifo do autor.

¹⁹ O crescimento do pentecostalismo ocorreu de forma diretamente proporcional ao aumento dos conglomerados urbanos, conforme apontam numerosos estudos.

²⁰ Atividade voltada a conseguir a adesão de novos adeptos, neste caso, de uma religião, normalmente dirigida a um público adulto.

serviços pessoais (domésticos), categoria que, habitualmente, não só enfrenta dificuldades em ter seus direitos profissionais respeitados, mas que também convive com toda sorte de preconceitos e com o desafio da desigualdade social acentuada pelo contato diário com a rotina de classes mais abastadas²¹.

Por outro lado, cabe diferenciar-se as antigas experiências pentecostais daquelas mais recentes, cujo avanço tem se destacado, e que aqui são denominadas neopentecostais²². A sensível expansão destas últimas, inclusive dentro de camadas antes não atingidas, está fortemente ancorada em fatores novos como o seu caráter empresarial, o uso de modernas técnicas de marketing e a sua forte presença na mídia.

Outro diferencial em relação às igrejas chamadas de primeira e segunda ondas²³, segundo alguns estudos, seria a assimilação que as neopentecostais fazem de elementos próximos à religião e à cultura populares, o que parece exercer forte poder de atração de novos seguidores. Os autores evangélicos Ramos e Bitún, numa posição crítica, afirmam que o movimento pentecostal se fortalece precisamente deste sincretismo que leva a superstição a tomar o lugar da fé, o esotérico a substituir o transcendente e o espiritual a confundir-se com o oculto (2002)²⁴.

2.4 Um contexto de crise conjuntural...

Partindo-se para uma análise conjuntural das últimas décadas, observa-se que as perdas progressivas sofridas pelo povo vêm se traduzindo numa qualidade de vida cada vez menor²⁵: os problemas econômicos têm se agravado a cada ano que passa, as

²¹ É impressionante a frequência com que algumas pessoas que desenvolvem trabalhos domésticos reproduzem comportamentos e opiniões de seus patrões, o que costuma refletir-se de forma negativa em seu ambiente familiar próprio, já que estes empregados inserem-se em outro patamar de renda.

²² Além da prosperidade, as novas experiências pentecostais enfatizam a libertação de demônios.

²³ As diferentes etapas em que as igrejas pentecostais chegaram ao país são conhecidas como “ondas”. A primeira abrangeria o período de 1910 a 1950 e a segunda, a partir de 1950. A terceira onda (neopentecostais) teria iniciado em meados dos anos 70.

²⁴ A esse respeito, Paulo Bonfatti acrescenta que a IURD “se organiza a partir da re-elaboração das diferentes vertentes do campo religioso brasileiro, tendo um referencial eminentemente sincrético”. Conforme o autor, a IURD “colhe e articula elementos oriundos do catolicismo popular, das religiões afro-brasileiras e das evangélicas” (BONFATTI, 2000: 66).

²⁵ Cfme. MARIANO in ORO, A.P., CORTEN, A. e DOZON, J-P. (Org.) (2003:53).

extensas periferias dos centros maiores, inchadas pelo acentuado êxodo rural ocorrido especialmente em décadas passadas, continua a expandir-se, o desemprego cresce vertiginosamente e o poder aquisitivo das famílias definha, abrindo sempre mais espaço para a violência, a criminalidade e a exclusão. A crise econômica desestrutura as famílias, corrompe o tecido social e atinge em cheio o indivíduo, privando-o de condições elementares para seu desenvolvimento integral como ser humano, fragilizando-o, desorientando-o e tolhendo-lhe as perspectivas de um futuro digno. Ao mesmo tempo, no mundo todo, verificam-se fenômenos como a destradicionalização²⁶, a globalização desenfreada e a secularização²⁷, que, aliados à ampla difusão dos meios de comunicação de massa e a inúmeros fatores menos explícitos, promovem a modificação da sociedade e da cultura. Tais transformações têm causado forte impacto sobre o povo brasileiro, produzindo alterações que subjazem à nova face pentecostal que o país começa a revelar.

É possível que a manifestação mais evidente destas modificações esteja tomando forma por meio de um certo individualismo, cuja raiz não é facilmente identificável, e que vem se instalando no seio da sociedade com conseqüências danosas para todo o conjunto da população²⁸. Trata-se de um fenômeno de âmbito mundial, que requer um minucioso exame à luz das ciências sociais, ainda que isso represente apenas uma tentativa limitada de compreensão.

Ao proceder-se tal análise, percebe-se que no Brasil e no mundo todo, a moderna tecnologia vai assumindo, em ritmo e velocidade alucinantes, espaços anteriormente ocupados por relacionamentos pessoais e diretos, desencadeando um círculo vicioso que produz o cerceamento do ser humano: tanto mais o indivíduo se sente isolado, mais se fecha em si mesmo e mais se

²⁶ Fenômeno que equívale a perda do hábito de transmitir-se princípios e valores às gerações seguintes.

²⁷ Hervieu-Léger define secularização como “o impacto da modernidade – em diferentes níveis: econômico, social, político, intelectual, simbólico, etc. – sobre a religião ou mais exatamente, sobre a configuração tradicional das relações entre a religião e a sociedade” (DAMÁSIO, C.R.H. *Secularização na Europa*. Revista Espaço Acadêmico, nº 48, Maio/ 2005. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/048/48damasio.htm#_ftn1. Consultado em 16.Junho.2005)

²⁸ O individualismo, a preocupação consigo mesmo e um medo crescente são características peculiares dos indivíduos modernos, cfme. ORO, A.P., CORTEN, A., DOZON, J-P (Org.) *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003. p.15.

isola. Tal processo culmina inevitavelmente em perda da dimensão horizontal, inclinando a pessoa a construir para si um mundo particularizado, hipoteticamente ajustado às próprias expectativas²⁹. Um provável resultado desta contingência é o surgimento de um indivíduo descrente de si mesmo, privado da possibilidade de encontrar saídas no plano das relações humanas, cuja tendência é apelar para soluções mágicas que se expressarão em suas escolhas, sejam elas religiosas, relacionais, profissionais, de lazer ou quaisquer outras. Disso decorre que a cultura do fácil e do descartável estenda-se também ao plano das relações interpessoais, sujeitando-as à expectativa de funcionalidade e velocidade típicas de um aparelho eletrônico acionado pelo premer de um botão. Tal indivíduo, definido por suas carências, é conduzido a apostar tudo na satisfação de necessidades vitais ou aquelas artificialmente fabricadas, acabando por incorporar como seu o ideal de consumo da sociedade capitalista, que endeusa a economia e o mercado. A partir daí, a religião e o próprio Deus passam a adquirir um cunho meramente utilitarístico (LIMA VAZ, 1988: 39)³⁰, ambos relegados a um plano privado e subjetivo. A emergência de novas formas de conceber o sagrado, entre elas aquilo que Lima Vaz chama de “sagrado compensador”, pode ter aí suas origens (1988: 44)³¹.

3. A Neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)

É importante ter presente que o individualismo anteriormente caracterizado e o sagrado resignificado são componentes do pano de fundo onde se inserem as manifestações religiosas típicas da atual diversidade nacional. Toda a gama de novas características que foram sendo forjadas no mais íntimo do indivíduo brasileiro a partir destas duas novas variáveis, bem como os processos sociais que foram se instalando no país, favoreceram o

²⁹ “Na falta de balizas, o ser humano de hoje se vê forçado a encontrar uma via por si mesmo.” Ibidem.

³⁰ Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, tem atuado ininterruptamente no magistério filosófico universitário, seja na Faculdade de Filosofia de Companhia de Jesus em nova Friburgo (1953/ 63), Rio de Janeiro (1975/ 81) e Belo Horizonte (1982/ 2001), seja no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (1964/ 86), e na direção da revista Síntese Nova Fase (1976/ 88) e co-edição de Síntese - Revista de filosofia. Cfr. <http://www.paulinas.org.br/livirtual/plDetalheAutor.aspx?idautor=12329>. Consultado em 18.Abr.2006.

³¹ O “sagrado compensador” serviria para suprir os desgastes sofridos pelo indivíduo, restaurando suas perdas.

êxito da pregação neopentecostal, como pode ser visualizado através das ponderações de Ricardo Mariano.

Segundo Mariano, o pentecostalismo já tinha sido bem aceito no Brasil por sua função social, pois “cumpria o papel de capacitar o crente para enfrentar a pobreza, as agruras dos empregos de baixa qualificação, os efeitos angustiantes das mudanças socioculturais e o impersonalismo típico das relações interpessoais nos grandes centros urbanos” (1999: 225)³², embora com a limitação de ser uma religião de negação dos valores do mundo, cuja promessa de salvação estava voltada para o além. Com o advento do neopentecostalismo, “ser cristão tornou-se o meio primordial para permanecer liberto do diabo e obter prosperidade financeira, saúde e triunfo nos empreendimentos terrenos” (MARIANO, 1999: 226). Tal acomodação aos valores do mundo abriu as portas para um número cada vez maior de conversões (MARIANO, 1999: 229), aumentando seu grau de aceitação.

Dentro deste segmento, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por seu crescimento numérico notável, reflete as atuais tendências melhor do que qualquer outra igreja. Ela destaca-se no cenário religioso nacional como expoente deste novo pentecostalismo, introduzindo uma maneira diferenciada de ser pentecostal.

A IURD em pouco tempo transformou-se “no maior e mais surpreendente fenômeno religioso” das últimas décadas no Brasil (MARIANO, 2003: 53). Ela incorporou em si a nova realidade, confundindo-se com ela. Disso decorre que não se pode tratar de neopentecostalismo sem tratar-se diretamente da IURD. O crescimento meteórico da Universal surpreende os próprios evangélicos e desafia estudiosos das mais diversas áreas. Seu impressionante desenvolvimento parece vincular-se às condições socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas em vigor no país, sendo influenciado ainda por não menos importantes mudanças em âmbito de mundo globalizado. Conforme Mariano, a igreja habilmente soube institucionalizar as práticas e as crenças “mágico-religiosas de inspiração cristã” arraigadas na cultura do povo, organizando seu atendimento através de um “um calendário de cultos rituais” (1999: 57-58), que promete nada menos do que

³² De acordo com Mariano, dentro do pentecostalismo eram recriadas “modalidades de contato primário existentes na sociedade tradicional”, como por exemplo, os laços de solidariedade, o auxílio mútuo, a orientação das condutas dos fiéis a partir de critérios bíblicos, etc., traços que não seriam encontrados nas sociedades urbano-industriais, marcadas pela anomia (1999:225).

solucionar todo e qualquer problema terreno. Assim, com suas propostas concretas e imediatas, a IURD respondeu de modo eficaz às aspirações de uma multidão de excluídos.

Baluarto da Teologia da Prosperidade³³ no Brasil, a sua identificação com tal corrente teológica configura-se como o elemento responsável pela falta de sintonia que existe entre a Universal e grande parte das igrejas evangélicas brasileiras, transformando críticos da referida teologia em opositores da IURD³⁴. Tais críticas vão desde questões litúrgicas ou teológicas a graves acusações com reflexos legais como “falta de ética”, “charlatanismo” e “estelionato”, por supostamente “explorar a fé e o desespero dos humildes” (MARIANO, 1999: 158). Além dos críticos evangélicos e acadêmicos, a mídia e alguns setores da própria sociedade vez por outra manifestam indignação diante da ênfase dada pela IURD sobre a prosperidade financeira.

Por outro lado, o embate não chega a trazer nada de novo já que a associação entre dinheiro e religião sempre causou certa contrariedade e indignação. A razão disso talvez seja a convicção de que princípios econômicos e princípios religiosos excluam-se mutuamente³⁵, embora a história revele a presença das religiões na

³³ *Teologia da Prosperidade* é um movimento de crescente e significativa evolução, cujas bases se assentam sobre a certeza de que as pessoas foram criadas para uma vida de abundância em Cristo.

³⁴ A Igreja Presbiteriana do Brasil, através de sua Comissão Permanente de Doutrina, elaborou estudo e relatório de cunho teológico sobre a IURD, tecendo severas críticas sobre certos aspectos (Cf. www.cacp.org.br/iurd.htm). Paulo Romeiro, pastor da Igreja da Trindade, condena a teologia triunfalista proposta pela corrente da prosperidade (cf. http://www.mundocristao.com.br/noticiasdet.asp?cod_not=4), onde o poder é conferido à criatura e não ao Criador, exaltando-se o indivíduo e suas necessidades. Já os autores evangélicos Ramos e Bitún acusam esta corrente de pregar uma teologia “travestida de verdade revelada”, que “subverte o evangelho”, pondo em cheque a “herança protestante” dos evangélicos, tradicionalmente apegados à ortodoxia da doutrina e à correção teológica. Estes últimos, embora não considerem que a IURD seja uma igreja herética no que se refere à doutrina, questionam seu ensinamento sobre o poder do crente, bem como suas práticas litúrgicas (Ramos e Bitún, 2002).

³⁵ De acordo com Mead, isso ocorre porque se presume “que o processo econômico seja sempre um processo egocêntrico, no qual o indivíduo desenvolve o seu interesse próprio em contraposição ao outro contrariamente ao comportamento religioso que tenderia a produzir uma identificação com todos os demais (tradução minha); “[Si presume] che il processo economico sia sempre un processo egocentrico, in cui l’individuo svillupa il suo proprio interesse in contrapposizione all’altro” (MEAD, 1966: 293).

origem de inúmeras guerras desempenhando o mesmo papel que hoje exerce a concorrência econômica³⁶.

A forte oposição, no entanto, não impediu a IURD de tornar-se a terceira maior igreja pentecostal do país, proporcionando a surpreendente elevação do contingente evangélico brasileiro³⁷ indicada nos últimos censos oficiais.

Notas Conclusivas

A universidade de hoje, atenta às transformações constantes que se processam em âmbito mundial ou, numa linguagem teológica, aos “sinais dos tempos”, e tendo como meta a formação da consciência cidadã dos profissionais que coloca no mercado, não poderá prescindir de interessar-se pelo aspecto cultural do fenômeno religioso como um todo. E a universidade católica em particular, ciente do papel que cabe às religiões na construção de uma ética justa e universal, encontrará no estudo do fenômeno religioso elementos fundamentais para sua ação.

Não há como negligenciar a expansão neopentecostal e o crescimento acelerado da IURD no Brasil. Estas significativas alterações mudaram a fisionomia do cenário religioso brasileiro e alargaram o campo para a pesquisa científica. Diante do quadro apresentado, alguns questionamentos vêm à tona: Qual a influência, se ela existe, do crescimento neopentecostal e do novo modo de viver a fé sobre o comportamento dos indivíduos? Terá esta mudança alguma relevância para a universidade, em especial a universidade católica, e para a formação dos futuros profissionais no Brasil? Quais os principais desafios que este novo cenário imporá à universidade católica, no que se refere à sua identidade e missão?

E estas são apenas algumas das tantas indagações com as quais o atual panorama religioso brasileiro interpela a pesquisa científica.

Abstract: This text is based on the second chapter of the master's dissertation entitled "The face of the Theology of Prosperity configured in the IURD from elements of Brazilian culture and its influence on the individual" and aims to draw attention to the changes caused by the neopentecostal expansion, whose highest expression is the Universal Church of the Kingdom of God – IURD, in the Brazilian religious scene

³⁶ Cfr. MEAD, 1966: 293.

³⁷ Conforme dados do Censo IBGE 2000.

as well as its possible consequences. In the introductory notes the text deals with the religious phenomenon. Then it provides a brief Brazilian religious overview, emphasizing the neopentecostal progress. Finally, at the conclusive notes, it highlights the position of IURD and throws some questions that concern the university as a place of training.
Keywords: religious phenomenon; neopentecostal; IURD; university.

Referências bibliográficas

ALVES, Patrícia F.M. Religião e mutação: uma análise sobre mudança de ethos no universo protestante. *Revista Política & Trabalho*. 16. Set.2000. pp.197-209. Disponível na internet: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgs/politica/16-alves.html>

ANTONIAZZI, Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* Paulus: São Paulo, 2004.

BONFATTI, P. *A expressão popular do sagrado: uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus*. Paulinas: São Paulo, 2000.

_____. *Sobre as categorias universais: relevantes aspectos observados na Igreja Universal do Reino de Deus*. Disponível em http://www.artnet.com.br/~bonfatti/artigo_iurd.html. Consultado em 05 Fev 2006.

CORTEN, A. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Vozes: Petrópolis, 1996. (tradução de Mariana Nunel Ribeiro Echalar).

COMISSÃO PERMANENTE DE DOCTRINA DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Relatório sobre a IURD*. Março, 1997. Disponível em <http://www.cacp.org.br/iurd.htm> Consultado em 22. Jun. 2005

DAMÁSIO, C.R.H. *Secularização na Europa*. Revista Espaço Acadêmico, nº 48, Maio/ 2005. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/048/48damasio.htm#_ftn1 Consultado em 16. Junho. 2005

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Paulinas: São Paulo, 1989, apud ALVES, P.F.M (2000).

KLINTOWITZ, Jaime. *Um povo que acredita*. Revista Veja, 19 de dezembro, 2001. Editora Abril, n.50. pp. 124-129.

LIMA VAZ, H.C. de. *Religião e sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985)*. Síntese, nº 42 (1988), pp. 27-47.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. Loyola: São Paulo, 1999.

_____. *A Igreja Universal no Brasil*. In: ORO, A.P., CORTEN, A. e DOZON, J-P. (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. Paulinas: São Paulo, 2003.p.53.

MEAD, G.H. *Mente, Sé e Società dal punto di vista di un psicologo comportamentista*. Giunti Barbera: Firenze, 1996 [Título original: *Mind, Self and Society*. The University of Chicago Press: Chicago-(ILL.)].

OLIVEIRA, Pedro A. R. De. *Religiosidade: conceito para as Ciências do Social*. CEPRELC – Universidade Católica de Brasília. DF. 14.Set.1999. Disponível na internet em <http://ifcs.ufrj.br/jornadas/papers/09st0104.rtf> Consultado em 29.Mar.2006.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Vozes: Petrópolis, 1996.

ORO, A.P., CORTEN, A. e DOZON, J-P. (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. Paulinas: São Paulo, 2003.

RAMOS, A. e BITÚN, R. A herança protestante e o desafio da Teologia da Prosperidade. *Jornal Liderança SEPAL*. Outubro, 2002. Disponível em http://www.editorasepal.com.br/sepal/jornal/teo_prosperidade Consultado em 12. Jan.2004.

RELATÓRIO DA COMISSÃO PERMANENTE DE DOCTRINA DA IPB SOBRE A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Disponível na internet em <http://www.primeiraigreja.org.br/downloads/IURD.htm> Consultado em 22 Jun 2005.

WEBER, Max. “Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)”. In: _____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. UNB: Brasília, 1991, apud MARIANO R.(1999).